



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

AVALIAÇÃO COMO SUBSÍDIO: o olhar dos professores da Escola Classe 05 de Brazlândia

Geroní Jacob Pimentel

Professora-orientadora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas
Professora monitora-orientadora Dra. Liliâne Campos Machado

Brasília (DF), julho de 2014

Geroní Jacob Pimentel

**AVALIAÇÃO COMO SUBSÍDIO: o olhar dos professores da
Escola Classe 05 de Brazlândia**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professora-orientadora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas e da Professora monitora-orientadora Dra. Liliane Campos Machado.

TERMO DE APROVAÇÃO

Geroní Jacob Pimentel

AVALIAÇÃO COMO SUBSÍDIO: o olhar dos professores da Escola Classe 05 de Brazlândia

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas –
UnB/FE/MTC

(Professora-orientadora)

Dra. Liliane Campos Machado–
UnB/FE/MTC

(Monitora-orientadora)

Prof. Mestre Marcos Alberto Dantas – UnB/FACE/ADM
(Examinador externo)

Brasília, julho de 2014

Dedico este trabalho ao meu adorável filho Eduardo
e aos meus queridos sobrinhos e alunos,
na esperança de que Deus, na sua magnitude,
Ihes conceda uma vida espetacular
e um futuro brilhante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Senhor Jesus, pela caminhada ao meu lado em todos os momentos da minha vida e pelo aconchego em seus braços nos momentos mais difíceis que tenho passado.

Às minhas queridas irmãs e amada mãe Adelurdes, pois tenho certeza que o amor e carinho concedidos a mim, me dão força para seguir em frente.

À minha adorável família, esposo Thiago e filho Eduardo, pela colaboração, força, amor que me incentivou e contribuiu com apoio moral, mesmo nos momentos mais difíceis.

Enfim, a todos que contribuíram para a realização de mais uma etapa na minha vida.

PEGADAS NA AREIA

Uma noite eu tive um sonho...
Sonhei que estava andando com o Senhor,
e através do céu passavam
cenas da minha vida.

Para cada cena que passava,
percebi que eram deixados
pares de pegadas na areia
e notei que muitas vezes,
no caminho da minha vida,
havia apenas um par de pegadas na areia.

Notei também que isso aconteceu
nos momentos mais difíceis
e angustiosos do meu viver.

Isso me aborreceu deveras
e perguntei então ao Senhor:

- Senhor, tu me disseste que,
uma vez que resolvi te seguir,

Tu andarias sempre comigo, em todo o caminho.

Contudo, notei que durante
as maiores atribulações do meu viver,
havia apenas um par de pegadas na areia.

Não compreendo por que nas horas
em que eu mais necessitava de Ti,

Tu me deixaste sozinha.

O Senhor me respondeu:

-Minha querida filha. Jamais eu te deixaria
nas horas de provas e de sofrimento.

Quando viste, na areia,
apenas um par de pegadas,
eram as minhas.

Foi exatamente aí
que Eu te carreguei nos braços.

RESUMO

Avaliar ou ser avaliado é algo que pode dar certo ou não dependendo da maneira como é aplicada ou quem está aplicando. A presente pesquisa foi realizada na escola classe 05 de Brazlândia com alunos, pais e servidores desta instituição visando responder alguns questionamentos em relação à prática avaliativa realizada na mesma. Contando com uma introdução sobre a instituição em questão, algumas definições sobre avaliação, avaliação formativa, avaliação em larga escala, avaliação institucional e avaliação da aprendizagem, descrevendo a avaliação com algumas das principais funções e os instrumentos avaliativos, na perspectiva da avaliação formativa, e quais são os mais utilizados pelos professores e os instrumentos avaliativos que os pais dos alunos consideram mais importantes. Para concluir, conta com uma pesquisa de campo envolvendo observação participativa, entrevista com uma turma de 2º ano e questionário realizado com pais de alunos e servidores da escola como coordenadores, professores e equipe de apoio à educação.

Palavras-chave: Avaliação; Avaliação Formativa; Instrumentos Avaliativos.

ABSTRACT

Evaluate or be evaluated is something that could work depending on how fear is applied or who is applying. This survey was conducted on school class of 05 Brazlândia with students, parents and servers of this institution aiming to answer some questions regarding the evaluative practice held at the same. Counting with an introduction about the institution in question, some definitions about evaluation, evaluation formative, large-scale assessment, institutional assessment and evaluation of learning, describing the assessment with some of the main functions and evaluative instruments, from the perspective of formative assessment, and which are the most widely used by teachers and the evaluative instruments that parents of students consider most important. To conclude, has a field research involving participatory observation, interview with a class of sophomores and questionnaire carried out with students ' parents and the school servers.

Keywords: Evaluation; Evaluation Formative; Evaluative Instruments

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO.....	12
1.1Avaliação Formativa	16
1,2Avaliação em Larga Escala	19
1.3Avaliação Institucional	22
1.4Avaliação da Aprendizagem	23
2.DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	26
3.ANÁLISE DOS DADOS.....	28
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE A.....	40
APÊNDICE B.....	42

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa será realizada na Escola Classe 05 de Brazlândia que, antes de ter esta denominação, em 1969 foi instalado em Brazlândia, nas dependências de uma igreja, um anexo do então Colégio de Taguatinga Norte para oferecer o Curso Ginásial à comunidade na época. O professor Benjamin de Souza Miranda foi o primeiro responsável por esta escola na condição de anexo do Colégio de Taguatinga Norte.

Em 06/03/1970 o referido anexo foi transferido para sede própria. O atual estabelecimento passou a funcionar sob a denominação de Ginásio de Brazlândia (GB) por ter sido este o título que recebeu quando foi criado.

Somente no ano de 1979 este Estabelecimento de Ensino recebeu a denominação de Escola Classe 05 atendendo alunos de pré-escola à 4ª série, onde atualmente atende por volta de 570 alunos funcionando nos dois turnos (matutino e vespertino) tendo seis turmas de Educação Infantil e 16 turmas do Ensino Fundamental de 9 anos.

A escola está posicionada em uma zona urbana entre as quadras 1 e 4 sul em Brazlândia e atende, atualmente, cerca de 20% (segundo o Projeto Político Pedagógico da escola) dos alunos residentes da zona rural ou setor de chácaras situado aos arredores da escola denominados Cascalheira, Capãozinho e Padre Lúcio. Estes alunos recebem auxílio do Governo do Distrito Federal que lhes disponibiliza, gratuitamente, o transporte de suas residências até a escola.

No início do ano letivo foi traçado, junto aos professores, coordenação, Equipe de Apoio à Aprendizagem e direção um esboço do Projeto Político Pedagógico com quatro projetos bimestrais tendo como temas “Saúde”, “Família”, “Literatura e Cultura” e por fim “Cidadania” sendo desenvolvidos no decorrer dos bimestres na ordem escrita.

Os temas dos projetos foram escolhidos pela maioria visando sanar dificuldades como ausência da família no acompanhamento cognitivo e pedagógico, falta de noções de preservação da saúde mental e corporal, dificuldades de

aprendizagem, falta de interesse pela leitura e cultura e certa ausência de noções de direitos e deveres na sociedade.

A Escola Classe 05 é uma escola de inclusão social atendendo a 11 alunos inclusos com necessidades especiais diversas como deficiência intelectual, deficiência auditiva, motora, transtornos e déficit de atenção, distúrbio no processo auditivo central, autismo e síndrome de down, além de 1 aluno cadeirante da educação infantil sendo que a estrutura física não contribui para um bom desenvolvimento de atividades que ajudem estes alunos a ampliarem, de forma satisfatória, as habilidades cognitivas, pois conta com 1 laboratório de informática em que funcionam, dos 22 computadores, apenas 11; tem 22 salas de aula com média de 25 alunos, sendo 2 turmas reduzidas para 18 alunos com integração inversa. Não existem salas disponíveis para reforço e sequer para biblioteca. Foram improvisadas duas salas pequenas para a Equipe de Apoio à Aprendizagem (sala de recursos, pedagoga, psicóloga e orientadora educacional). Na parte externa ao prédio, tem-se um parque coberto, uma quadra e um grande espaço desocupado, mas que foi cedido para a construção de um Centro de Educação da Primeira Infância reduzindo, assim, o espaço de possíveis ampliações.

Um dos motivos para realizar esta pesquisa é analisar o porquê de certos alunos, mesmo participando dos projetos, não conseguirem atingir uma aprendizagem significativa sem ter diagnósticos de necessidades especiais e assim, verificar se há pontos negativos nas avaliações da equipe pedagógica que não consegue “atingir” estes alunos. No texto “Avaliação no Contexto Escolar: regulação e/ou emancipação” as autoras comentam que:

A avaliação desempenha um importante papel nas relações pedagógicas e pode ser um instrumento de controle, de regulação ou de emancipação, dependendo da forma como será planejada, aplicada e como os resultados obtidos serão analisados e transformados em ações que possibilitem a aquisição de conhecimentos e exercício da democracia. (COCCO; SUDBRACK 2012, p. 2)

Observando esta fala do importante papel que a avaliação desempenha e os aspectos citados acima, propõe-se realizar a pesquisa acadêmica norteadada pela sistemática da avaliação institucional e pedagógica na tentativa de ponderar o

motivo pelo qual certos alunos, mesmo compartilhando dos projetos regulares e interventivos, não conseguem alcançar uma aprendizagem significativa.

Tendo como objetivos específicos, a presente pesquisa tende a verificar os instrumentos avaliativos pedagógicos na concepção da Avaliação Formativa como provas, registros reflexivos, observações, autoavaliações, relatórios e pareceres; analisar o uso que a Instituição faz com os resultados obtidos nos instrumentos avaliativos da avaliação em larga escala como no caso das “provas” do SAEB ou outros em que, apesar de se perceber que os índices das provas do SAEB (Prova Brasil 5º anos, ANA de 3º anos e Provinha Brasil de 2º anos) estão acima da média, buscam-se meios para elevar estes índices e analisar onde estão as dificuldades e tentar saná-las com projetos interventivos, reagrupamentos e aulas de reforço.

Outros objetivos específicos beiram elencar meios para ajudar a sanar dificuldades de avaliação, de diagnóstico e/ou de aprendizagem e averiguar se a forma de avaliação ou instrumentos avaliativos na instituição contribuem para sanar dificuldades.

A primeira parte da pesquisa é relacionada às concepções de avaliação segundo Demo (2006), Cocco; Sudbrack (2012) e a Avaliação Formativa segundo, Villas Boas (2004) dentre outros autores, em seguida há algumas definições sobre Avaliação em Larga Escala, Avaliação Institucional e Avaliação da Aprendizagem, posteriormente há um breve estudo sobre alguns instrumentos avaliativos no entendimento da Avaliação Formativa, no decorrer tem-se um delineamento da pesquisa que será feita com observação participativa, entrevista e questionário.

1. CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

Ao longo dos anos tem-se discutido questões relevantes sobre o processo de avaliação das aprendizagens em educação ou de forma geral e observa-se que a maioria dos professores, não está muito preocupada com esse mecanismo de aprendizagem segundo Demo (2006), onde cita que é necessário recuperar o valor pedagógico da avaliação e colocá-la entre as habilidades mais cordiais de um educador, identificando que os professores tem banalizado o processo de avaliação desenvolvendo um trabalho em sala e na escola sem compromisso e sem qualidade. Nesse ponto de vista Cocco, Sudbrack (2012), deliberam a avaliação como uma ação desenvolvida a todo instante em várias situações em que é importante salientar a definição quando diz que:

Avaliar é uma ação corriqueira e espontânea realizada por qualquer indivíduo acerca de qualquer atividade humana; é assim, um instrumento fundamental para conhecer, compreender, aperfeiçoar e orientar as ações de indivíduos ou grupos. É uma forma de olhar o passado e o presente sempre com vistas ao futuro. Faz parte dos instrumentos de sobrevivência de qualquer indivíduo ou grupo, resultado de uma necessidade natural ou instintiva de sobreviver, evitando riscos e buscando prazer e realizações. (COCCO, SUDBRACK, 2012, apud BELLONI 2001, p.14)

Ou seja, avaliar é algo intrínseco ao ser e depende do objetivo proposto a esta atividade. Segundo as Diretrizes Pedagógicas, a avaliação é parte do processo educativo que ajuda o professor em sua prática pedagógica definindo critérios para replanejar as atividades e realizar intervenções para melhorar na aprendizagem do aluno. Sendo um componente indissociável a esse processo, “a avaliação tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar o trabalho educativo” (BRASIL, 2008, p. 89), ou seja, é um elemento que deve fazer parte do dia-a-dia da escola desde a sala de aula até às outras dependências.

Na obra de Turra; Enricone; Sant’anna; André (1996) é comentado que raramente se encontra um professor que não se preocupa com a avaliação, que a maioria entende esse processo de extrema importância tendo em vista que se necessita tomar decisões com cautela e conhecimento e fazem uma observação que

a importância e procedimentos da avaliação têm variado no decorrer dos tempos de acordo com as tendências de cada época e do desenvolvimento das ciências e tecnologia.

As autoras referem às funções da avaliação, em sua obra, como gerais fornecendo base para o planejamento, permitindo a seleção e a classificação de pessoal, ajustando políticas e práticas curriculares e funções específicas que beiram facilitar o diagnóstico, melhorar a aprendizagem e o ensino a fim de obter controle, estabelecer situações individuais de aprendizagem, promover, agrupar os alunos com caráter classificatório.

Turra; Enricone; Sant'anna; André (1996) mencionam que naquela época (1996) a avaliação dos resultados era considerada de grande relevância porque podia proporcionar informações fundamentais na hora de tomar decisões nas intervenções e melhorar o processo ensino-aprendizagem e recentemente, segundo Demo (2006), vê-se que os professores consideram a avaliação como “um bicho-de-sete-cabeças” colocando dificuldades ou entraves na hora de avaliar sem observar que é um fato comum no dia-a-dia, tanto na escola quanto fora dela, bem como lembram Cocco; Sudbrack (2012) que estamos subordinados a todo tipo de avaliação como citam a seguir:

Como integrantes de uma sociedade, estamos sujeitos a todo o momento a algum tipo de avaliação, seja no espaço escolar, no trabalho, nos movimentos sociais, numa atividade esportiva, no vestibular, numa entrevista de emprego [...] A avaliação proporciona um conhecimento, por parte dos sujeitos, sobre o andamento das suas atividades, sobre suas limitações, sucessos e fracassos, sobre as lacunas existentes, garantindo informações para melhorar a qualidade das ações desenvolvidas e assim elevar os níveis do processo de aprendizagem. (COCCO; SUDBRACK, 2012, p.2)

Com isso observa-se que mesmo sem finalidade ou intencionalidade estamos avaliando e somos avaliados a todo instante bem como delibera Villas Boas (2009, p.95) “Avaliação é aprendizagem. Enquanto se avalia se aprende e enquanto se aprende se avalia” mostrando que o ser humano é sujeito ativo deste processo de avaliação, tanto no fazer como no receber.

Sacristan; Gomes (1998), na área de educação, determinam que para se avaliar é necessário observar várias características analisando-as e valorizando-as a partir de critérios ou objetivos sendo definido a seguir como:

Avaliar se refere a qualquer processo por meio do qual alguma ou várias características de um aluno/a, de um grupo de estudantes, [...] recebem a atenção de quem avalia, analisam-se e valorizam-se suas características e condições em função de alguns critérios ou pontos de referência para emitir um julgamento que seja relevante para a educação. (SACRISTAN; GOMES, 1998, p.298)

Ressalta-se neste comentário que o processo de avaliação vai além da formalidade de emitir notas, conceitos ou menções seguindo para um caminho maior que é avaliar o indivíduo num processo mais amplo, como um todo e não apenas a parte cognitiva, seus avanços e/ou “fracassos” e com isso intervir para melhorar o seu processo de aprendizagem.

Com as mudanças na LDB ficou mais difícil avaliar como observa Demo (2006), mostrando que os professores precisam estudar e estar atentos a essas mudanças para não utilizar a avaliação como forma de exclusão ou humilhação como fazem ou faziam alguns professores que separam os alunos atrasados dos adiantados sem dar nenhum suporte aos que necessitam, sendo por falta de compreensão ou até mesmo por intenção.

Ainda segundo Demo (2006), há algumas décadas atrás as funções específicas da avaliação eram de facilitar o diagnóstico, melhorar a aprendizagem, estabelecer situações individuais de aprendizagem e promover, agrupar alunos (classificação), ou seja, “toda avaliação é processo classificatório, porque simplesmente faz parte da lógica humana” (DEMO, 2006, p. 15), seguindo o princípio de que estamos avaliando tudo o tempo todo. Com relação aos alunos, o autor defende que “classificar” não é, fundamentalmente, estar rebaixando ou elevando os mesmos, mas é necessário para realizar as intervenções de forma correta como sugere a seguir:

Quando se descobre que um aluno aprende mal, segue daí apenas o compromisso do professor de interferir para garantir que este aluno aprenda bem. É preciso atentar para contradições lógicas apressadas, como a insistência de professores que, condenando sem mais a avaliação classificatória, exigem outra, digamos

emancipatória, sem perceber que estão classificando um tipo de avaliação como classificatória e outra como emancipatória. (...) Não há como avaliar sem classificar, a esta altura, já que avaliar implica separar características logicamente distintas. (DEMO, 2006, p. 16)

Como alude Demo (2006), independente do tipo de avaliação que se utiliza o importante é o uso que o professor faz com este instrumento após ser realizado, pois o que está em jogo é o aprendizado dos alunos e não o método que se utiliza para intervir na aprendizagem.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações que tem a função de subsidiar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica onde acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do que foi construído pelo aluno, salientando que o que realmente interessa é como será feita a intervenção quando necessária, ou se os objetivos foram alcançados, propiciando uma reflexão sobre a sua prática, criando novos instrumentos de trabalho adequados para o processo de aprendizagem individual ou do grupo (PCN Introdução), portanto, a avaliação tem como objetivo a melhoria do processo educativo, possibilitando identificar os problemas e achar soluções para os mesmos assim como foi citado no Currículo em Movimento, versão para validação:

É esse processo avaliativo formativo que conduz professores e equipe pedagógica da escola a repensarem o trabalho pedagógico desenvolvido, buscando caminhos que possibilitem sua melhoria em atendimento às necessidades de aprendizagem evidenciadas pelos estudantes. (BRASIL, 2013, p.66)

Mostra a necessidade da reflexão sobre nossa prática e da instituição visando o progresso da metodologia educativa numa nova perspectiva e direcionamento apresentando-se mais significativa, tanto para o educando, como para a instituição.

Assim como Demo (2006), Villas Boas (2004) comenta que a avaliação na escola é intencional e sistemática e as ponderações que ali são feitas tem muitas implicações, algumas positivas, outras negativas. Segundo Villas Boas (2004) a avaliação na escola pode ser formal que é através de provas, exercícios e atividades quase sempre escritas e todos ficam sabendo que ela está acontecendo costumando receber notas, menções ou conceitos ou pode ser informal que se dá

pela interação dos alunos com professores e os demais profissionais que atuam na escola na parte pedagógica, podendo ocorrer em todos os momentos e espaços do trabalho escolar, devendo ser conduzida com ética, pois nem sempre é prevista e os alunos não sabem que estão sendo avaliados.

1.1 Avaliação Formativa

Hoje se discute muito a respeito da avaliação formativa tanto da aprendizagem como institucional, definida por Villas Boas (2004, p. 22) como sendo a que “promove a aprendizagem do aluno e do professor e o desenvolvimento da escola em oposição à avaliação tradicional, que visa à aprovação e reprovação, à atribuição de notas e que se vale quase que exclusivamente da prova”, ou seja, depende da intencionalidade ou objetivo traçado pela equipe ou professor para levar o processo de avaliação a se tornar formativo, pois, entende-se que uma prova pode ser trabalhada de várias formas não apenas classificando o conhecimento ou o aluno assim como observa a autora:

Segundo Allal (1986, p.176), a expressão "avaliação formativa" foi introduzida por Scriven em 1967, em um artigo sobre a avaliação dos meios de ensino (currículo, manuais, métodos etc.). Nesse contexto, "os processos de avaliação formativa são concebidos para permitir ajustamentos sucessivos durante o desenvolvimento e a experimentação de um novo currículo, manual ou método de ensino". Posteriormente, Bloom (apud Allal1986, p. 176) e seus seguidores aplicaram a avaliação formativa à avaliação dos alunos, com o objetivo de orienta-los para a realização de seu trabalho, ajudando-os a localizar suas dificuldades e a progredir em sua aprendizagem. (VILLAS BOAS, 2004, apud ALLAL, 1986, p. 23)

Vê-se que o termo “Avaliação Formativa” não é novo, mas o uso dele é, e o que mostra é que este instrumento ou forma de avaliar deve estar inteiramente introduzido em nossa prática observando que a avaliação existe para que se conheçam os alunos o que já se aprendeu ou não, para a intervenção ou busca de meios para atingir o aprendizado ou promover a aprendizagem. Avalia-se para saber como foi o desenvolvimento do trabalho pedagógico, tanto do professor como dos outros profissionais da educação ligados diretamente aos alunos, avalia-se as atividades desenvolvidas na escola sendo cognitivas, esportivas, de socialização ou qualquer outro gênero observando, assim, a atuação de todos na escola criando-se

a cultura avaliativa na escola baseada na ética profissional sugerindo a autoavaliação e avaliação institucional conforme alude Villas Boas (2004).

Vendo sob esta ótica, nota-se que a avaliação formativa não é totalmente egocêntrica, mas coletiva, pois todos participam para melhorar o andamento das atividades e a promoção da aprendizagem de todos os alunos como lembra Hadji (2001, p. 21) que o que torna a avaliação formativa é a intenção de quem avalia que vem a colaborar para “a regulação das aprendizagens e o desenvolvimento no sentido de um projeto educativo” e outro ponto que destaca é que a avaliação formativa informa os dois principais atores do processo avaliativo que é o professor, que será informado dos efeitos reais do seu trabalho pedagógico e como deve fazer as intervenções e o aluno que saberá se situar e tomar consciência das suas dificuldades e reconhecer e corrigir seus próprios erros.

A prática avaliativa formativa não é considerada individualista uma vez que participam vários sujeitos, mas considera as individualidades dos mesmos na tentativa de afiançar os elementos necessários para que possam prosseguir em suas aprendizagens como sugere o Currículo em Movimento que também diz:

Para construção de um trabalho educativo que possibilite alcançar a todos, independente de suas condições econômicas, sociais e culturais (...), faz-se necessário que a escola promova espaços reflexivos que favoreçam o (re) pensar de seus objetivos, práticas pedagógicas e avaliativas, tendo em vista o cidadão que se quer formar, a escola e a sociedade que se pretende ajudar a construir. (BRASIL, 2013, p. 68)

Este trecho do Currículo vai de encontro às recomendações das Diretrizes Pedagógicas em que informam que estudos mais atuais despacham a ideia de que a avaliação é uma metodologia interativa de ação e reflexão entre membros deste processo sendo educadores e estudantes, devendo estar em prol da aprendizagem, tendo como objetivo “a melhoria das práticas educativas e sua constante qualificação, possibilitando identificar problemas, encontrar soluções e corrigir rumos.” (BRASIL, 2008 p.89)

Para que esta melhoria das práticas educativas ocorra requer que haja uma mudança de pensamento e de atitude em relação à maneira de pensar e de realizar a prática dentro da sala de aula, ou seja, uma transformação dos procedimentos de

avaliação levando em conta o desenvolvimento curricular baseado nas competências como é citado nas Diretrizes Pedagógicas:

Considerando que a aprendizagem ocorre por meio da aquisição e construção de competências e habilidades que favoreçam novas experiências, o aluno passa a ser avaliado em relação a si mesmo, pois difere quanto a interesses, capacidades e aptidões, cabendo à instituição educacional proporcionar oportunidades de ensino e de aprendizagem que possibilitem seu pleno desenvolvimento. (BRASIL, 2008, p.89)

O texto mostra que a individualidade do aluno é ressaltada e preservada neste esquema de avaliação formativa valorizando os pontos positivos de aprendizagem significativa e intervindo nos pontos negativos para que os mesmos sejam superados como foi lembrado nas Diretrizes que o professor deve manter uma atitude de questionamentos e transformar a reflexão em ação num processo de interação entre professor, aluno e a própria instituição.

Alguns procedimentos avaliativos que norteiam o trabalho docente são relatados na LDB em seu Art. 31, segundo as Diretrizes Curriculares, que em Educação Infantil a avaliação será feita através de acompanhamento e registro do desenvolvimento do aluno através de relatórios sem o objetivo de promover e sim relatar os avanços e já nos Anos/Séries iniciais, a avaliação se fundamenta na observação e no acompanhamento das atividades individuais e coletivas com caráter diagnóstico e contínuo permitindo observar os avanços, as dificuldades e as intervenções necessárias na prática docente.

No Currículo em Movimento menciona-se que um ambiente escolar apropriado às aprendizagens deve incluir discussões que possibilitem estabelecer com clareza as intencionalidades da avaliação praticada pela escola favorecendo: a definição de objetivos e critérios que deliberam o que se espera alcançar tanto nos conteúdos como nas estratégias de intervenção; o *feedback*¹ que serve como canais de diálogo entre professor e educandos para que possuam qualidades apropriadas

¹ **Feedback** é uma palavra inglesa que significa **realimentar** ou **dar resposta** a um determinado pedido ou acontecimento. [...] No âmbito da Psicologia, o *feedback* é também descrito como **retroação** ou devolutiva, uma vertente da comunicação interpessoal que pode servir para minimizar conflitos entre indivíduos. <http://www.significados.com.br/feedback/>

para melhor ampliação das aprendizagens; procedimentos de autoavaliação a partir de apreciação das produções dos alunos por eles mesmos e pelos professores; planejamento de projetos interventivos e reagrupamentos bem como a busca de alternativas para resolução de problemas; conselhos de classe (previsto no Regimento Escolar da SEDF, 2009) que, de acordo com o Currículo em Movimento, versão para validação, tem:

[...] o objetivo de avaliar de forma ética aspectos atinentes à aprendizagem dos alunos: necessidades individuais, intervenções realizadas, avanços alcançados no processo ensino-aprendizagem, além de estratégias pedagógicas adotadas, entre elas, o projeto interventivo e os reagrupamentos. (BRASIL, 2013, p. 70)

E assim, para que toda a escola esteja a par das dificuldades dos estudantes, dentre outras ações que envolvam o coletivo, de tal modo como mudanças na forma de pensar e agir, além de implantação de novas concepções e práticas avaliativas “que venham corroborar o desejo de reinventar a escola que temos, transformando-a na escola que queremos.” (Currículo em Movimento 2013, p.71).

Para acontecer esta transformação da escola, de acordo com o Currículo em Movimento, a Secretaria de Educação do Distrito Federal pretende construir uma proposta de avaliação que articule os três níveis de avaliação educacional que são o de larga escala em redes de ensino, avaliação institucional da escola e avaliação da aprendizagem desenvolvida em sala de aula.

1.2 Avaliação em Larga Escala

A Avaliação em Larga Escala, de acordo com Oliveira; Rocha (2007) surgiu na década de 80 como Política Pública quando o Ministério de Educação começou a desenvolver estudos sobre a avaliação educacional com o objetivo de possibilitar uma percepção mais ampla da realidade dos estudantes e contribuir para realizar um diagnóstico da situação da educação brasileira visando melhorias quantitativas e qualitativas. No ano de 1990 o MEC inseriu através do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que, segundo o site do INEP, objetiva avaliar a educação básica brasileira e colaborar para o progresso da qualidade e para a universalização

do acesso à escola e oferecer dados que ajudam a compreender fatores que influenciam a atuação dos alunos nas áreas e anos avaliados.

Ainda, segundo o INEP, dentro do SAEB encontra-se a Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) que avalia a qualidade, equidade e eficiência da educação brasileira realizada com alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio da rede pública e privada sendo bianual com uma abrangência amostral; a Prova Brasil/Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), que avalia a qualidade do ensino fornecido nas escolas públicas atendendo alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental sendo censitário e bianual; a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) que avalia os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa e alfabetização matemática e condições de oferta do ciclo de alfabetização atendendo alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública com abrangência censal e aplicação anual e, por fim, Provinha Brasil que avalia os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa e alfabetização matemática sendo aplicada para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da rede pública.

Assim como foi citado no site do INEP que a partir das informações do SAEB e da Prova Brasil, o MEC e as Secretarias de Educação podem e devem definir ações voltadas ao aperfeiçoamento da qualidade da educação no nosso país e a redução das desigualdades existentes na rede como conduzir a conformidade das distorções e extenuações identificadas além de direcionar os recursos financeiros para áreas mais prioritárias.

De acordo com Tahim; Alves; Lima (2012), em 1998, houve a criação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) com finalidade de avaliar o desempenho dos estudantes do ensino médio que em 2010 foi reformulado e hoje em dia vem sendo utilizado como seleção unificada para ingresso nas universidades públicas federais. Concordando com os autores citados, Cocco; Sudbrak (2012) afirmam que em 2010 foi constituído o Sistema de Seleção Unificada (SISU) gerenciado pelo MEC tendo como objetivo fortalecer e institucionalizar o ENEM. O SISU é o sistema informatizado, por meio do qual são selecionados candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior

participantes. Ainda segundo os autores Tahim; Alves; Lima (2012) há também o SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) que avalia a qualidade das instituições superiores.

Cocco; Sudbrak (2012) afirmam que após 1990, na época da criação do SAEB, vários tentames com relação à avaliação do sistema educacional começaram a ser refletidos em que se procuravam associar o rendimento escolar a fatores regionais, sociais, institucionais (da escola), familiares, entre outros e com isso complementam dizendo que:

As avaliações que foram surgindo fazem parte de algumas reformas educacionais por iniciativa dos governos, com o objetivo de monitorar a educação básica e superior, obtendo informações sobre o nível de conhecimento dos educandos e as condições da instituição, interferindo na aferição dos resultados e induzindo as instituições para a qualificação pretendida pelo Estado avaliador. Vários fatores como a expansão da escola, o empenho de agentes estatais articulados com “especialistas” brasileiros e pesquisadores estrangeiros, as ideias adotadas para enfrentar a crise econômica e o Estado desenvolvimentista, estimularam o interesse estatal pelas atividades de medir, avaliar, informar. (COCCO; SUDBRACK, 2012, p.8)

Percebe-se que o interesse não parte de uma minoria, mas sim de estado tendo como objetivo maior o de permitir que haja uma percepção mais ampla da realidade dos estudantes de educação básica e superior e, assim, contribuir para realizar uma análise da situação da educação brasileira visando melhorias quantitativas e qualitativas.

Cocco sudbrak citam o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) sendo uma avaliação voluntária e gratuita ofertada a jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos em idade apropriada para avaliarem-se competências, habilidades e conhecimentos adquiridos tanto no processo escolar quanto no extraescolar e deixam em apoteagma:

O Estado, nesta proposta de criar métodos de avaliação, revela-se um regulador das ações desenvolvidas pelos estabelecimentos de ensino, a fim de alcançar a equidade, a eficiência e a qualidade da educação, metas estas quantitativas, exigidas pelos agentes financeiros. Nessa perspectiva de obtenção de resultados, elaboram provas homogêneas para todo o país, desconsiderando os

conhecimentos culturais e sociais de cada região e os contextos no qual se dão os processos educativos.

Esta fala nos remete a pensar que se deve levar em consideração o contexto escolar que está inserido cada comunidade e que, independente de ser avaliação em larga escala, os objetivos tem que partir para o senso comum, sendo, talvez esta, uma das falhas do sistema de avaliação em larga escala, o de avaliar quantitativamente e não valorizar os conhecimentos de cada região.

1.3 Avaliação Institucional

No estudo de Libâneo; Oliveira; Toshi (2003) aborda-se a escola como uma integração do sistema escolar que se interpõe entre as políticas e as diretrizes do sistema e o trabalho dentro da sala de aula, observa os autores que se o professor conhece bem as políticas educacionais, as diretrizes legais, as relações entre escola e sociedade, a organização interna da escola, as formas de gestão, o currículo, os métodos de ensino dentre outros, o processo de ensino ou exercício da profissão ganha mais qualidade e fundamentação bem como lembra os autores:

Os professores, além da responsabilidade de dirigir uma classe, são membros de uma equipe de trabalho em que discutem, tomam decisões e definem formas de ação, de modo que a estrutura e os procedimentos da organização e da gestão sejam construídos conjuntamente pelos que nela atuam (professores, diretores, coordenadores, funcionários, alunos). (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSHI, 2003 p.290)

Evidenciando que todos os componentes do sistema de ensino devem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem tanto no desenvolvimento da práxis quanto na avaliação de todos os pontos na instituição como lembra Libâneo; Oliveira; Toshi (2003) quando diz que há uma necessidade de uma organização escolar se referindo aos princípios e metodologias relacionadas ao planejamento do trabalho escolar, administrar os recursos materiais, financeiros, intelectuais, humanos, além de “coordenar e avaliar o trabalho das pessoas, tendo em vista a consecução de objetivos” (p. 316).

Como menciona Souza (2005), a avaliação investiga meios para que os problemas sejam resolvidos podendo ser eles de natureza interna à sala de aula, na

instituição ou em toda a rede de ensino a ainda define que a avaliação institucional também busca confrontar os objetivos da própria instituição com os resultados que foram alcançados até o momento para identificar se os problemas encontrados foram ou não sanados e assim, compreender os motivos de se terem estes resultados, sendo bons ou ruins. E para que isso ocorra, segundo o estudioso, a Conferência Local de Educação e o Conselho Escolar parecem ser as Instituições mais capazes ou responsáveis para conduzir esta avaliação da escola.

No texto extraído do Caderno 4 da Coleção Gestão e avaliação da escola pública é observado que:

A avaliação da escola deve ser diferenciada da avaliação da aprendizagem dos alunos, mesmo que ambas estejam bastante relacionadas e sejam, inclusive interdependentes. A avaliação da aprendizagem, [...] serve tanto para a análise do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, quanto como parâmetro para a avaliação do trabalho do professor. A análise das condições institucionais da escola pode ajudar, diversas vezes, inclusive a explicar os resultados da avaliação da aprendizagem, por seu turno, é um importante referencial para a avaliação institucional. (SOUZA, 2005, p. 1)

Este trecho mostra que há necessidade da realização da avaliação institucional e da aprendizagem, pois os objetivos da escola é cuidar, ou deve ser o de propiciar o aprendizado do aluno e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de forma coerente e significativa.

Para os autores Tahim; Alves; Lima (2012) a avaliação institucional não deve ser vista como apenas mais um instrumento, mas deve propiciar aos gestores uma visão geral de como está indo a instituição apontando a situação dos alunos frente ao que a escola definiu e ofereceu aos mesmos. Outro ponto importante na fala dos autores é que o processo de ensino e aprendizagem deve decorrer do planejamento político pedagógico, pois é este que define a forma de atuação da escola em que sem este projeto a avaliação não pode ser definida e delineada.

1.4 Avaliação da Aprendizagem

No texto de Souza (2005) adaptado ao curso de Gestão Escolar, há um trecho que diz que o intuito da avaliação é identificar se os objetivos propostos estão

sendo alcançados e também, descobrir as razões da proximidade ou distanciamento dos desígnios para realizar as devidas intervenções no planejamento para resolver os problemas com mais precisão e assim, conhecer o que os alunos já sabem e o que falta para alcançar os objetivos que lhes foram propostos.

Villas Boas (2009) explicita que os meios de avaliação da aprendizagem ou Instrumentos Avaliativos podem ser trabalhados numa perspectiva de avaliação formativa dependendo do objetivo a que se propõe como autoavaliação e portfólios esclarecendo que o primeiro é um dos princípios da construção do segundo mostrando que com o desdobramento do portfólio “o aluno aprende a pensar sobre o que vem fazendo e sobre o que ainda precisa fazer, de maneira contínua.” (p. 81); a prova, para Villas Boas (2009), é bem-vinda quando associada à avaliação formativa tendo em vista que a maneira como ela é usada tem que ser revista, não sendo utilizada como único mecanismo avaliativo e sem atribuição de notas para não ter função classificatória, cabendo ao professor usá-la com criatividade; registros reflexivos são as anotações sobre o que aprendeu, pontos importantes, “articulações entre os estudos realizados e a atuação profissional do narrador” (p. 97) devendo manter certa linha de sequência nas narrações com sistematização; os relatórios e pareceres fornecem informações diversificadas sobre o processo de aprendizagem com o fim de torná-lo coeso e compreensivo por todos os interessados cabendo à equipe pedagógica decidir qual concepção de avaliação que devem seguir e qual função quer cumprir.

Demo (2006) defende que avaliar pela nota não é inteligente, uma vez que se está valorizando expressões quantitativas para dinâmicas qualitativas (p. 25), mas que esta prática não precisa, necessariamente, ser um problema, pois, para ele:

Professores inteligentes podem usar a nota de maneira extremamente adequada, em primeiro lugar, porque sabem usar a nota como artifício quantitativo para expressar dinâmicas qualitativas. Jamais reduzem educação a números propriamente, porque fenômenos formativos são intensos e não extensos. (DEMO, 2006, p. 25)

Entende-se com isso que não importa, exclusivamente, o instrumento que o professor vai utilizar, mas a intencionalidade que se tem ou se espera com este

processo e sempre observando os critérios e objetivos, pois, segundo Demo (2006) fenômenos formativos são claros e não amplos.

Nessa perspectiva, de acordo com Sousa (1999) a avaliação necessita ser ressignificada, tendendo a se atarracar com metodologias de testagem, voltados à seleção e à classificação dos alunos, sugerindo que se busque resgatar o sentido característico da avaliação, ou seja, tomá-la como um processo que deve estar a serviço da orientação da aprendizagem e estímulo aos alunos para o avanço do conhecimento, cumprindo uma função eminentemente formativa.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a função formativa da avaliação tem sido destacada. Isso se expressa quando se afirma:

A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos de escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada. (BRASIL, 1997, p. 81)

Deste modo, a avaliação da aprendizagem, ainda segundo os PCN só acontecerá se estiver relacionada com as oportunidades oferecidas, ou seja, “analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar.” (Brasil, 1997, p. 81), devendo ser diagnóstica, processual, em que o aluno deve sentir que as possibilidades de avaliação estão em suas mãos e de acordo com seu esforço.

2. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, contemplando o estudo descritivo e exploratório. A pesquisa qualitativa objetiva em geral provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que o geram, para elaborar os meios e estratégias de resolvê-los de acordo com Serpa (2000). As premissas subjacentes a este tipo de pesquisa podem ser resumidas nas seguintes hipóteses, de acordo com Chizzotti (1998), em que o conhecimento acarreta uma ação e a pesquisa pode ser uma oportunidade de formar os pesquisados, a fim de que transformem os problemas que enfrentam; os pesquisados tem uma capacidade potencial de identificar suas necessidades e na organização adequada dos meios para modificar as situações consideradas insatisfatórias.

O estudioso Chizzotti (1998) ressalta, ainda, que o processo de pesquisa qualitativa não obedece a um paradigma. Há diferentes possibilidades de programar a efetivação da pesquisa. Vale muito o trabalho criativo do pesquisador e dos pesquisados. O resultado encaminha-se para um conjunto de micro decisões sistematizado para regularizar um conhecimento coletivamente criado, a fim de se escolher as estratégias de ação mais adequada à solução dos problemas apresentados.

Tendo em vista as ideias acima expostas, esta pesquisa adota o viés qualitativo, porque se podem estabelecer algumas etapas de trabalho para se chegar à descoberta das questões prioritárias e à ação mais eficaz para transformar a realidade. Tendo como objetivo analisar o porquê de certos alunos, mesmo participando dos projetos, não conseguirem atingir uma aprendizagem significativa; verificar os instrumentos avaliativos pedagógicos na concepção da Avaliação Formativa como provas, registros reflexivos, relatórios, observações, autoavaliações, relatórios e pareceres; analisar o uso que a Instituição faz com os resultados obtidos nos instrumentos avaliativos de avaliação em larga escala como no caso das “provas” do SAEB ou outros; elencar meios para ajudar a sanar dificuldades de

avaliação, de diagnóstico e/ou de aprendizagem; averiguar se a forma de avaliação ou instrumentos avaliativos, na instituição, contribuem para sanar dificuldades.

A pesquisa se deu através de observação direta ou participante de eventos na escola, entrevista com alunos de uma turma de 3º ano com Integração inversa e questionário. Assim como foi abordado no estudo de Serpa (2000), essa pesquisa abrangeu uma triangulação de técnicas de documentação direta, formando uma unidade lógica, por meio das quais foi feito o levantamento dos seguintes dados: observação participante com planejamento; entrevista de cunho não estruturado com perguntas abertas, as quais foram respondidas no decorrer de uma conversa informal e questionário, contendo perguntas categorizadas, ou seja, aquelas cujas respostas se referem à marcação de “x” com alternativas e perguntas abertas quando não oferecem nenhum tipo de alternativa em que expressam opiniões e foi desenvolvida com os segmentos escolares como servidores e pais.

As categorias analíticas ou dados coletados através da observação, entrevistas e questionários para a interpretação e análise serão o diálogo entre a teoria e a prática, comparação entre os questionários de alguns profissionais e pais e apreciação da entrevista com os alunos e envolvidos fazendo um levantamento das respostas, além da observação em situações diversas como foi sugerido por Serpa (2000).

3. ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada mediante observação da participação de pais e funcionários nos eventos da escola, entrevista com uma turma de 2º ano com integração inversa e questionário, com questões de múltipla escolha sendo que se pode marcar mais de um tópico e outras questões para expressar o quer sabe, realizado com funcionários da escola e pais de alunos.

A observação participativa foi realizada nas coordenações coletivas, com o intuito de verificar a participação dos servidores nos projetos e metas da escola; reuniões com os pais e comunidade nos dias letivos temáticos que se deram nos dias 05/02 com o Planejamento Pedagógico da Comunidade Escolar e no dia 21/05 com a Avaliação Pedagógica do semestre com a participação da comunidade escolar e as reuniões bimestrais com o professor e o que foi observado é que há um mau uso das coordenações coletivas que seriam para discussões produtivas acerca de objetivos e problemas encontrados e o que demonstra acontecer é apenas um repasse de documentos e informações deliberadas pela Secretaria de Educação como “imposições” e que o tempo da coletiva acaba em discussão sobre circulares, indo contra o que coloca o próprio Currículo (Brasil, 2013) em que diz que para haver uma edificação de um trabalho educativo que alcance a todos é imprescindível que a escola promova espaços de reflexões a propósito dos objetivos, das práticas pedagógicas e avaliativas visando o futuro da instituição e a sociedade e, principalmente, os cidadãos que se quer formar.

As reuniões sobre o planejamento da escola e avaliação pedagógica que seriam com a participação da comunidade também deixou a desejar, pois nem os membros do Conselho Escolar estavam presentes tendo um saldo de 20% (segundo a secretaria da escola) de comparecimento do total de pais da escola. Já as reuniões em sala de aula com os professores teve presença de mais de 50% (de acordo com os questionários realizados com os professores) dos pais, mas pouquíssimos chegando no horário, outros saindo de sala em sala para atenderem a todos os filhos (pais com quatro filhos na mesma escola e no mesmo horário), outros

chegaram ao final da reunião, somente para assinar os relatórios e lavar alguma atividade para casa sem questionar o desempenho da criança.

Isso mostra que falta certa responsabilidade e deliberação por parte de todos os segmentos de dentro e de fora da escola, pois como foi citado por Souza (2005), que a avaliação investiga meios para que os problemas sejam resolvidos podendo ser eles de natureza interna à sala de aula, na instituição ou em toda a rede de ensino a ainda define que a avaliação institucional também busca confrontar os objetivos da própria instituição com os resultados que foram alcançados até o momento para identificar se os problemas encontrados foram ou não sanados e assim, compreender os motivos de se terem estes resultados, sendo bons ou ruins. E para que isso ocorra, segundo o estudioso, a Conferência Local de Educação e o Conselho Escolar parecem ser as Instituições mais capazes ou responsáveis para conduzir esta avaliação da escola onde não existe uma conferência e o Conselho Escolar é uma incógnita.

A entrevista foi realizada na turma de 2º ano (23 alunos) com integração inversa logo após terem realizado a Provinha Brasil, numa roda de conversa em que foi perguntado o que mais gostavam de fazer na sala de aula e a maioria falou que era estudar para aprender, outros para ter bom emprego, outros gostam de jogos que a professora faz e uma criança disse que gostava de estudar, mas não aprendia direito. Então foi perguntado se mais alguém não conseguia aprender como a colega, e alguns levantaram o dedo de forma acanhada.

Em seguida foi perguntado a esta criança se ela sabia por que não conseguia aprender direito e a mesma respondeu que as atividades eram muito difíceis e que brincava muito na aula, mas quando a aula era “legal” ela participava.

Foi perguntado a todos o que seria uma aula “legal” alguns responderam que era quando a professora dava jogos ou “brincadeiras”, outros disseram que era quando iam para fora da sala estudar debaixo das árvores, outro disse que era quando tinha que escrever no quadro de “letra de mão”, um disse que gostava de fazer deveres da folha e uma garota disse que gostava de fazer provas igual a que teve. Com isso foi perguntado quem mais gostava de provas e poucos alunos levantaram o dedo. Então foi questionado com os alunos que não levantaram o dedo

o porquê de não gostarem de provas e alguns disseram que é difícil, outros disseram que era porque não podia olhar para o lado, outros não gostavam porque ficavam nervosos e outros, porque tinham medo de errar e alguns disseram que, no caso da Provinha Brasil, não gostaram do fato de ser outra professora aplicando a prova e não o professor regente.

Para finalizar foi perguntado o que achavam que falta para ajudá-los nas dificuldades e muitos disseram que deveria ter atividades mais fáceis, outros disseram que precisam prestar mais atenção, outros lembraram que a professora tem que explicar “direitinho”.

Nota-se na entrevista que a professora trabalha de maneira diversificada, mas ainda necessita de certa mudança de estratégias para atingir a todos de maneira positiva e não negativa e o sistema também colabora com esta falha, pois a Provinha Brasil não é algo vindo da professora e o esquema para ser realizada, assim como a Prova Brasil e a ANA também deixam a desejar colocando certo “medo” nos alunos antes de ser realizada não sendo uma prática do dia-a-dia e sem a presença do professor regente.

Os questionários foram realizados com a participação de 20 pais e 20 funcionários da Escola Classe 05 e em relação aos pais, três são pós-graduados, quatro graduados, sete ensino médio e o restante tem ensino fundamental e dos servidores (coordenadoras, equipe de apoio e professores) oito são graduados e os outros 12 são pós-graduados.

Na visão dos pais, (questão nº 3 “O que entende por avaliação?”) “avaliação é fazer uma sondagem do que está sendo administrado ou oferecido para se tirar conclusão a chegar ao objetivo pretendido”; “é o desenvolvimento da criança em cada etapa, visando o desempenho e aprendizado da criança”; “é algo importante para mostrar o crescimento do aluno”; “são formas de analisar o conhecimento”; “é tudo que põe em prova o conhecimento e prática da vida profissional e ética de uma pessoa”; “é um dos meios para medir o aprendizado do aluno”; “o que cada aluno aprendeu no decorrer do bimestre e avaliar o desempenho em cada avaliação dada em sala”; “é a prova, testes, etc.”.

Na questão número 4 foi perguntado o que sabiam sobre Avaliação em Larga Escala, Avaliação Institucional e Avaliação da Aprendizagem para verificar o grau de conhecimento deste segmento com relação a estes instrumento avaliativos e as respostas foram variadas.

Avaliação em Larga Escala é algo desconhecido para a maioria dos pais que não responderam a esta questão e alguns responderam que “é aquela que se dá em várias sequências”; “avaliação a nível nacional”; “avaliação em várias formas”. Com isso, pode-se observar que os pais têm um conceito “tímido” sobre esta nomenclatura e Avaliação Institucional “é a que a instituição se passa”; “a avaliação da escola ou instituição de ensino”; “uma avaliação feita dentro de uma sala de aula”; “feita dentro da própria instituição”; “condições físicas e tecnológicas”; “avaliação de um local”; “é a que a instituição faz ao longo do tempo”. Alguns não souberam responder e por fim, Avaliação da Aprendizagem “é feita com o aluno para verificação da aprendizagem”; “uma avaliação durante o ensino”; “feita no decorrer do ensino/estudo”; “avalia a evolução do aluno”; “analisar o saber”; “é aquela que é feita da aprendizagem do que se foi dado a certa pessoa”; “é aprender”; “é a que foi feita ao aluno.”.

Os instrumentos avaliativos que consideram mais importante na hora de avaliar, referente à questão 6, na opinião dos pais, primeiramente é a observação nas atividades diárias sendo a mais votada, em seguida vem a autoavaliação, depois provas e testes, em seguida relatórios, portfólio, registros reflexivos e por último, notas, sendo que apenas 2 pais escolheram esta forma de avaliar. A maioria se baseou em estudos primeiramente e seguindo os objetivos do planejamento, alguns ouviram sugestões de alguém e ainda acrescentou no espaço em branco “as sugestões podem nos levar a aprimorar nossos trabalhos” estas respostas são referentes à questão 7.

Na questão 8 foi perguntado como os pais trabalham com os resultados das avaliações realizadas com seus filhos, os pais primeiramente trabalham as dificuldades vistas nas atividades, depois oportunizam o filho encontrar o erro, em seguida mais votado foi dar retorno nas atividades que houve mais erros ou que não

conseguiu resolver, e apenas 2 pais colocaram que deixam que a criança descubra o erro sozinha.

Das reuniões oferecidas na escola como as bimestrais e de avaliação pedagógica ou institucional, a grande maioria não participou de todas as reuniões, 4 participaram de todas as reuniões e 16 só das que foram realizadas com a professora respondendo à questão 10.

Nas atividades para casa como foi perguntado na questão 11, a grande maioria somente ajuda quando precisa e apenas 2 não se interessam em saber se tem atividades para casa.

Segundo os pais ou responsáveis dos alunos, a escola não oferece meios para proporcionar a participação dos pais nas atividades da escola, pois tiveram poucos eventos escolares, não é oferecida participação nas decisões da escola, o conselho escolar não funciona de fato, não foi pedido sugestões sobre a construção ou elaboração do PPP da escola (frases escritas no questionário) e com isso responde-se às questões 5 sobre quais ações foram desenvolvidas na escola promovendo a participação dos mesmos, e com relação à questão 9 sobre a participação na elaboração do Projeto Político da Escola.

Percebe-se que a grande maioria tem uma concepção de avaliação chegando próximo aos conceitos apresentados por Cocco; Sudbrack (2012) e outros autores citados, faltando certo embasamento e exercício desta metodologia em que não se priorizam ou delimitam os critérios e objetivos que se quer alcançar com este processo como lembram Sacristan; Gomes (1998) determinando que para se avaliar é necessário observar várias características analisando e valorizando as mesmas partindo de critérios ou pontos de referência para emitir ponderações.

Com os servidores, foi oferecido o mesmo questionário e foi feito com 2 coordenadoras, 2 da equipe de apoio (pedagoga e sala de recursos), 8 professores efetivos, 8 professores temporários e os conceitos de Avaliação segundo os mesmos “é o meio pelo qual podemos analisar o processo educativo, seja para diagnosticar conhecimentos ou para verificar se o processo de ensino-aprendizagem está ocorrendo de forma plena e efetiva, permitindo assim, um *feedback* do trabalho

docente”; “testar, observar a bagagem que o aluno já tem e o que aprendeu no decorrer do processo”; “é uma verificação da aprendizagem para uma tomada de decisões a fim de atingir objetivos propostos”; “é mensurar o grau de aprendizado de um aluno”; “ferramenta ou meio que se utiliza para verificar o progresso de algo ou alguém”; “procedimentos pelos quais verificamos o nível de aprendizado, no caso do processo de ensino-aprendizagem, para diagnosticar o grau de conhecimento e realizar as devidas intervenções, quando necessário”.

Avaliação em Larga Escala “é aquela que objetiva analisar dados do desenvolvimento do sistema educacional de forma ampla, como a Prova Brasil, por exemplo”; “avaliação a nível nacional como ANA, SAEB, ENEM, ENCEJA”; “é avaliação realizada uma vez por ano a nível nacional envolvendo alunos de rede pública ou privada para analisar o nível do processo de ensino no Brasil”; “avaliações que analisam o desempenho de estudantes a nível nacional (ANA, ANRESC, PROVA BRASIL, ENEM, ENCEJA, PROVINHA BRASIL, ENADE)”. Avaliação Institucional, em suma, “é aquela que objetiva verificar o desenvolvimento do processo de ensino de instituições educacionais com o intuito de dar uma devolutiva quanto ao seu desempenho mediante uma reorientação da prática pedagógica”; “avaliação feita na própria instituição de ensino”; “avaliação realizada dentro da instituição pelos funcionários para verificar falhas e acertos”; “é para ver como “anda” o estabelecimento”; “testar o conhecimento adquirido na escola”. Avaliação da Aprendizagem “é feita com o aluno para verificação da aprendizagem analisando o saber”; “é a que pondera a evolução do aluno em sala sendo inicial, contínua, processual, e final”; “realizada com os alunos dentro e fora da sala de aula a fim de diagnosticar o nível de avanço ou limitações”; “a que analisa o desempenho do aluno e a forma de como cada aluno expressa seu entendimento a cada disciplina”; “verifica o desenvolvimento individual de cada aluno e o que foi ensinado”; “é testar o conhecimento do aluno no decorrer do processo”; “é a verificação se o processo de ensino-aprendizagem está ocorrendo de forma efetiva, por exemplo, as avaliações processuais que fazemos cotidianamente”.

Segundo os servidores, a questão relacionada às ações desenvolvidas pela SEEDF e pela escola visando a formação continuada dos docentes e servidores em

educação não ocorreu de forma efetiva neste 1º semestre de 2014 sendo que Conselho de Classe e estudos ou leitura de revistas ou documentos especializados relacionados à educação não ocorreram, mas sim cursos de capacitação ofertados pela EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação), coordenações pedagógicas coletivas e individuais e eventos escolares envolvendo servidores e comunidade aconteceram de forma significativa.

Os instrumentos avaliativos que mais utilizam com os alunos são os relatórios (com obrigatoriedade de entrega 100%), em seguida observações nas atividades realizadas, colocaram também provas e testes, em seguida acrescentaram autoavaliação, 7 colocaram também registros reflexivos, 5 trabalham com o portfólio e apenas 2 dão notas em todas as atividades. Alguns acrescentaram que dão trabalhos em grupo (achando importante, porque assim cada um pode demonstrar o que aprendeu), outro colocou que trabalham com debates e seminários para despertar o senso crítico, a participação, outra a ludicidade e dinâmicas. Basearam-se em estudos anteriores e segundo objetivos do planejamento para realizar estes instrumentos de avaliação.

Os resultados das avaliações é trabalhado em sala da maioria dos professores oportunizando o aluno a encontrar o erro, também trabalham com o *feedback* dando retorno nas atividades que não conseguiram se sair bem, trabalham em cima das dificuldades encontradas nas avaliações para que o conhecimento se consolide e apenas 1 professor colocou que deixa os alunos descobrirem o erro por si só.

Na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola a grande maioria participa dando sugestões e com subprojetos que serão realizados em sala, quando tem o tempo disponibilizado para tal evento observando a dificuldade em reunir todo o grupo de servidores e a necessidade de elaboração coletiva do PPP, alguns assumiram que apenas escutam as opiniões dos colegas.

A média de comparecimento dos pais nas reuniões de sala é de mais de 50%, segundo os professores, havendo uma queixa de que os pais dos alunos com dificuldades de aprendizagem ou de comportamento, na maioria dos casos, não comparecem com frequência às reuniões ou não participam chegando mais tarde

apenas para assinar os relatórios ou pegar as atividades sem participar dos debates, estudos ou outros que são proporcionados nas reuniões observando-se certa falta de interesse por parte dos mesmos.

Concordando com Demo (2006) faz-se necessário que os professores recuperem o valor pedagógico da avaliação e a coloquem entre as habilidades mais afetuosas de um educador, pois foi identificada certa banalização do processo de avaliação em que se tornaram meros “procedimentos obrigatórios” sendo que quem os obriga a realizá-los são eles mesmos, mas sem compromisso formativo.

Sacristan; Gomes (1998) advertem que o processo de avaliação vai além do protocolo de emitir notas, conceitos ou menções seguindo para um caminho maior que é avaliar o indivíduo num processo mais amplo, como um todo e não apenas a parte cognitiva, seus avanços e/ou “fracassos” e com isso intervir para melhorar o seu processo de aprendizagem, sendo assim, cabe à nós professores sabermos quais objetivos queremos alcançar em conjunto e delimitarmos os critérios que utilizaremos para alcançá-los.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola Classe 05 as avaliações dos projetos e atividades realizadas na escola consistem em observações se há interesse e desempenho dos alunos para realizar o que foi proposto, se alcançaram os objetivos e por meio de relatórios descritivos realizados pelos professores regentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Classe 05 é uma escola com classes de integração inversa, atendendo alunos diagnosticados com algumas limitações e dificuldades, então se observou que esta pesquisa servirá como certo “alerta” para os professores e toda a equipe escolar, tendo em vista que se encontraram alguns pontos que precisam ser revistos na prática pedagógica, não só por parte dos servidores, mas também por parte dos pais.

Na escola são realizados os projetos interventivos em sala ou fora (quase todos os dias) cujo objetivo é ajudar os alunos com dificuldades de aprendizado e se baseia em dinâmicas de grupo, brincadeiras lúdicas, confecção e desenvolvimento de jogos de alfabetização matemática e/ou de alfabetização e letramento, atendimento individualizado pelo professor ou por algum colega de classe, aulas de reforço em turno contrário, atividades diversificadas para casa, atividades interativas com computador, etc. além dos reagrupamentos que são realizados entre as classes do mesmo ciclo ou ano com alunos com as mesmas dificuldades.

Então, o que faltou para os professores é trabalhar a avaliação de forma mais coerente, pois o que se observa é que falta o *feedback* nas atividades, faltam projetos de análise dos dados coletivos, faltou o Conselho de Classe e atitudes para ajudar a sanar as dificuldades, entrosamento do grupo com relação a todos os alunos da escola, participação da equipe de apoio nos projetos interventivos e destacamento dos objetivos coletivos para a instituição, assim como faltou também uma avaliação institucional, ou seja, em sala, de maneira individual, os professores procuram trabalhar da melhor forma, mas no coletivo não está funcionando.

Observou-se também, que a escola não está promovendo uma participação efetiva dos pais nas decisões coletivas e na vida pedagógica das crianças tendo em vista uma falta de interesse dos pais em participar das reuniões de classe e institucional, em que devemos sugerir a elaboração de projetos que envolvam a comunidade direta e indiretamente, devemos tentar resgatar o interesse dos pais na vida escolar, se é que teve algum dia. Os alunos que são chamados para as aulas de reforço, na maioria das vezes não comparecem e os pais tentam justificar que é

por morar longe da escola ou nos setores de chácaras havendo dificuldades de locomoção, mas não sugerem outro meio para ajudar a sanar as dificuldades dizendo que em casa não tem ninguém para ajudar cabendo ao professor procurar meios de ajudar nas atividades em sala.

Nas atividades para casa, vemos que muitos pais ou familiares fazem as atividades para as crianças por não ter paciência, tempo, ou disponibilidade enfim, cada um procurando justificar seu “motivo”.

Analisando a pergunta que norteia esta pesquisa “o porquê de certos alunos, mesmo participando de projetos, não conseguirem atingir uma aprendizagem significativa sem ter diagnósticos de necessidades especiais” chegou-se à conclusão que os professores necessitam de mais estudos sobre a forma como avaliam e dão uma devolutiva destas avaliações, que tem que mudar certos conceitos adquiridos antigamente para os que norteiam nossos trabalhos pedagógicos como as Diretrizes, o Currículo, o Projeto Político da escola dentre outros. Os servidores devem abraçar a escola como um todo e não cada um em sua parte, o coletivo deve fluir em prol do processo de ensino-aprendizagem por completo e não o da sala de aula particularmente.

Os pais devem participar com muito mais frequência da vida escolar dos filhos para ajudar e não prejudicar. Ambos, pais e servidores devem se unir para um objetivo comum que é a aprendizagem das crianças e se inteirar de alguns conceitos vindos de dentro para fora da escola.

Tendo como objetivos específicos, a presente pesquisa verificou se os instrumentos avaliativos pedagógicos realizados pelos profissionais da educação condizem com a concepção da Avaliação Formativa como provas, registros reflexivos, observações, autoavaliações, relatórios e pareceres e percebeu-se que os profissionais os utilizam faltando ter objetivos coletivos; analisou o uso que a Instituição faz com os resultados obtidos nos instrumentos avaliativos da avaliação em larga escala como no caso das “provas” do SAEB e viu-se que só foi discutido o resultado, mas não propuseram intervenções para melhorar estes resultados como, por exemplo, colocar um quadro ou cartaz exposto e deixar a comunidade a par deste processo e trabalhar ao longo do tempo com os resultados.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, L. R.; PAIXÃO, L.; FERNANDES, L.M.; DELUIZ, N. **Dissertações e Monografias**. São Paulo: LTC, 2004.
- BELLONI, Isaura e BELLONI, José Ângelo. **Questões e propostas para uma Avaliação Institucional Formativa**. Brasília, 2013.
- BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor de; SOUSA, Luzia Costa de. **Metodologia de avaliação em políticas públicas: uma experiência em educação profissional**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento: Educação Básica Distrito Federal livro 1**. Brasília: 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Estado Educação do Distrito Federal. **Diretrizes Pedagógicas**: Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. v. 1. Brasília: MEC, 1997.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- COCCO, Eliane Maria; SUDBRACK, Edite Maria. **Avaliação no contexto escolar: regulação e/ou mancipação**. IX ANPED SUL - Seminário de pesquisa em educação da região sul 2012.
- DEMO, Pedro. **Avaliação: para cuidar que o aluno aprenda**. São Paulo: Criarp, 2006.
- HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. disponível em: <http://portal.inep.gov.br/saeb> Acesso em 09 de junho de 2014.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J.F. de; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro e ROCHA, Gladys. **Avaliação em Larga Escala no Brasil nos Primeiros Anos do Ensino Fundamental**. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/274.pdf acesso em 09 de junho de 2014

SACRISTAN, J. Gimeno e GOMES, Angel Perez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SERPA, Maria da Glória Noronha. **Elaboração do Projeto de Pesquisa**. Apostila (Professor Nota 10) – Faculdade de Educação, UniCEUB, Brasília 2000

Significado de *Feedback*. O que é, conceito e definição. Disponível em: <http://www.significados.com.br/feedback/> acesso em 05 de junho de 2014

SOUSA, Sandra M. Zákia L. **Avaliação Institucional: elementos para discussão**. In: Seminário "O ensino municipal e a educação brasileira", promovido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, São Paulo 1999.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. **Gestão e avaliação da educação escolar**. Curitiba: Ed. Da UFPR. 2005, p. 32-38. 42. Texto adaptado ao curso Gestão Escolar da UnB. 2013.

TAHIM, Ana Paula Vasconcelos de Oliveira; ALVES, Liduína Lopes; LIMA, Marcos Antônio Martins. **A Gestão Escolar e a Avaliação Institucional: observações segundo os diretores municipais**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas - 2012

TURRA, Clódia M. G.; ENRICONE, Délcia; SANT'ANNA, Flávia; ANDRÉ, Lenir C. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. 11ª Edição. Porto Alegre: Sagra Luzzatto 1996.

VILLAS BOAS, Benigna M. F. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna M. F. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. 2ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

1. Grau de Instrução:
 Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino superior Pós-grad.(pais e servidores)

2. Função que desenvolve:
 Direção Profº. Efetivo Profº. Temporário Equipe de apoio
 Pai/responsável

3. O que entende por Avaliação? (pais e servidores)

4. O que sabe sobre: Avaliação em Larga Escala _____
Avaliação Institucional: _____
e Avaliação da Aprendizagem: _____

5. Quais as ações desenvolvidas pela SEE e pela escola visando a formação continuada dos docentes e trabalhadores em educação que você participou no 1º semestre?
 cursos de capacitação coord. pedagógica coord. Coletiva eventos escolares conselho de classe leitura de revistas ou documentos especializados

6. Que instrumentos avaliativos você utiliza em sua sala de aula(servidores) ou acha importante(pais)?
 provas e testes portfólio relatório registros reflexivos autoavaliação
 observação nas atividades diárias dá nota em tudo outro _____

7. Baseando em quê você utiliza (servidores) ou acha importante (pais) os instrumentos avaliativos citados anteriormente?
 sugestão de alguém através de estudos imposição da direção
 seguindo os objetivos do planejamento _____

8. Como trabalha com os resultados das avaliações? (pais e servidores)

oportuniza o aluno/filho a encontrar o erro dá retorno nas atividades que não conseguiram resolver trabalha as dificuldades vistas nas atividades deixa que o aluno/filho descubra o erro sozinho _____

9. Qual a sua participação/contribuição na elaboração do ppp da escola? (pais e servidores)

não participei só ouvi os colegas dei sugestões contribuí com projetos
 outro _____

10. Quantas vezes compareceu às reuniões na escola ao longo deste ano (reuniões bimestrais e de avaliação institucional)?(pais)

nenhuma vez 1 vez 2 vezes 3 vezes 4 vezes

11. Nas atividades para casa você ... (pais)

somente ajuda a criança faz um pouco não fica sabendo quando tem atividade

12. Qual a média de comparecimento dos pais da sua turma nas reuniões periódicas?(serv.)

ninguém menos de 50% 50% mais que 50% sempre vão todos

APÊNDICE B

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista realizada com alunos da turma de 2º ano e consistia em conversa informal, logo após a aplicação da Provinha Brasil, sobre o sistema de avaliação aplicado na sala de aula como provas e testes e se baseou nas seguintes questões:

- O que mais gostam de fazer em sala de aula;
- Se alguém não consegue aprender direito e por quê;
- O que seria uma aula interessante na opinião dos alunos;
- Quem gosta de provas ou gostou da Provinha Brasil;
- A quem não gosta das provas perguntar o porquê;
- O que falta para ajudá-los nas atividades.